



5º Encontro Internacional de Política Social
12º Encontro Nacional de Política Social
Tema: "Restauração conservadora e novas resistências"
Vitória (ES, Brasil), 5 a 8 de junho de 2017

Eixo: Democracia, participação e movimentos sociais.

Diversidade, classe e movimentos sociais

Idilia Fernandes¹

Marcos Diligenti²

Isadora Teodoro³

Resumo: O objetivo do artigo é demonstrar a diversidade como condição da nossa humanidade e situá-la nos processos sociais da sociedade capitalista. O campo de luta social e movimentação dos sujeitos históricos se configuram em contornos contraditórios numa sociedade de luta de classes. Afirmamos a realidade de classe social da nossa contemporaneidade e a luta de classes como processos vivamente presentes no cotidiano da vida da sociedade moderna. Seguindo a orientação analítica do pensador do século XIX, Karl Marx, ainda é possível entender os problemas de nossa sociedade atual, na mesma lógica do modo de produção e reprodução capitalista, que vem atravessando inúmeras mudanças, mas mantém a mesma estrutura de expropriação dos trabalhadores e rejeição absoluta das diferenças singulares. Procuramos demonstrar no artigo o significado social das diferenças na sociedade contemporânea, trabalhando com conceitos tais como: reconhecimento político das diferenças, classe social, movimentos sociais e luta de classes.

Palavras-chave: Classe Social; Luta de Classes; Movimentos Sociais e Diversidade.

Diversity, class and social movements

Abstract: The objective of the article is to demonstrate diversity as a condition of our humanity and to situate it in the social processes of capitalist society. The field of social struggle and movement of historical subjects are configured in contradictory contours in a society of class struggle. We affirm the social class reality of our contemporaneity and the class struggle as lively processes present in the daily life of modern society. Following the analytical guidance of the nineteenth-century thinker Karl Marx, it is still possible to understand the problems of our present society, in the same logic of the capitalist mode of production and reproduction, which has undergone many changes, but maintains the same structure of expropriation of workers And absolute rejection of singular differences. We try to demonstrate in the article the social meaning of differences in contemporary society, working with concepts such as: political recognition of differences, social class, social movements and class struggle.

Keywords: Social class; Class struggle; Social Movements and Diversity.

¹ Professora Doutora da PUCRS. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Acessibilidade e Diversidade – GEPAD/ESCOLA DE HUMANIDADES/PUCRS. Assistente Social e Pesquisadora da FADERS. Membro do Comitê de Ética da ESP/RS. E-mail: idilia.fernandes@puers.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0694990522568924>.

² Professor Doutor da PUCRS. Professor titular na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/PUCRS e no PPG do Serviço Social da ESCOLA DE HUMANIDADES/PUCRS. E-mail: mdilig@puers.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8473102761067099>.

³ Bolsista de Iniciação Científica e membro do grupo de pesquisa CNPq em Habitação de Interesse Social e Sustentabilidade da FAU/PUCRS – SUSTENFAU. E-mail: isadora.teodoro@acad.puers.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5401043439197729>.

Considerações iniciais

A partir de uma concepção relacional para interpretar, tanto o campo social quanto às pessoas que nesse se localizam, deparar-se-á com conceitos que não reduzem as explicações sobre os fatos da vida a uma perspectiva individual. O ser humano se constitui, no mundo das relações sociais e nessas refaz seu mundo e se reconstitui. Para analisar a questão da diversidade na sociedade de classes, ou seja, se é possível admitir que cada indivíduo possui inúmeras características que o diferenciam dos demais, entende-se também que multiplicidade de expressões se inserem em um mundo padronizado, mediado por relações de exploração e desigualdades. Por mais que haja uma dinâmica intensa na forma como as pessoas vivam a história, não é possível negar a tendência padronizante que existe na sociedade e na divisão entre as classes sociais.

Neste artigo será apresentado no item primeiro: O conceito de diversidade e sujeitos coletivos no contexto da sociedade de classe, as consequências da divisão entre as classes na perspectiva marxiana e a relação entre alguns conceitos de Marx com o conceito de diversidade proposto nesta reflexão. No item segundo: Luta de classes e as diferenças singulares, serão indicados os caminhos reflexivos sobre o pensamento de Marx na relação direta com a concretude presente no capitalismo contemporâneo. Para explicar a sociedade do tempo presente ainda precisamos desvendar as relações de expropriação, das leis do mercado e da lei de acumulação característica de um sistema social que não prescinde a exploração do trabalho. Neste contexto, as diferenças singulares são interditas em sua expressão no espaço social. Na organização da sociedade do capital a padronização dos comportamentos, da produtividade e da estética são processos sociais que precisam ser desinventados afim de que a vida humana seja verdadeiramente plena de possibilidades.

Sujeitos coletivos e diversidade na sociedade capitalista

A consequência principal das relações sociais, mediada pela construção da sociedade do capital, é justamente a questão social. Isso significa dizer que a sociedade produz, em seu movimento humano e contraditório, o acirramento da luta de classes. De um lado o capitalismo concentra riquezas e informações nas mãos de poucos privilegiados da sociedade, ocasionando necessariamente miséria para muitos e que se tornam alheios aos bens produzidos socialmente. Por outro lado esses seres humanos, apartados dos bens sociais, precisam produzir coletivamente formas estratégicas de enfrentar toda a

desigualdade construída em um sistema de expropriações singulares e coletivas, injustiças sociais e segregações de determinados segmentos da sociedade.

Compreender a questão social⁴, na perspectiva de Yamamoto, como consequência da relação entre capital e trabalho, vai nos ajudar a entender os fatos numa dimensão social e não restrita as possibilidades e impossibilidades dos indivíduos na conquista dos bens para suas vidas. Vai nos levar, também, a tomar como objeto de atenção, de preocupação e de intervenção profissional o movimento e o resultado da relação capital/trabalho na vida em sociedade. Significa, de outra forma, buscar uma análise que supere uma visão simplificada, fragmentária da vida social e perceba sua totalidade, permeada por inúmeras contradições, marcada por uma determinada historicidade, em um campo social determinado pelas relações de trabalho.

O novo século XXI chegou há mais de uma década e podemos perceber que homens e mulheres ainda estão em um contexto que está, cada vez mais, desumanizando o humano. Há um trabalho de sensibilização, de conscientização sobre a humanidade das relações sociais, que precisa ser realizado. As instituições, as empresas, os hospitais, as universidades, a comunidade, as mídias de massa, as equipes de trabalho estão permeadas pelo modelo de gestão de acumulação flexível, no qual se pode pontuar que há muitas individualidades exploradas e oprimidas, naufragando em um contexto de alienação, vivenciando a realidade de classe social similar a realidade social demonstrada por Marx em 1848:

Desde as épocas mais remotas da história, encontramos, em praticamente toda a parte, uma complexa divisão da sociedade em classes diferentes, uma gradação múltipla das condições sociais. Na Roma Antiga, temos os patrícios, os guerreiros, os plebeus, os escravos. Na Idade Média, os senhores, os vassallos, os mestres, os companheiros, os aprendizes, os servos; e em quase todas essas classes, outros comandos subordinados.⁵

É importante que nossas consciências ainda possam vislumbrar o entendimento sobre o significado da sociedade de classe ou da classe social. Esta divisão na estrutura de nossa sociedade se faz presente se reproduzindo nas atribuições que cada trabalhadora e trabalhador construíram para si mesmo no processo de alienação. Esse contexto precisa ser demonstrado em suas particularidades. O processo de alienação que negação da existência da classe social está na mesma engrenagem social na qual a relação

⁴ IYAMAMOTO, Marilda V. O Serviço Social em tempos de capital fetiche e formação profissional. São Paulo: Cortez, 2008.

⁵ LASKI, Harold J. O Manifesto Comunista de Marx e Engels. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 94.

entre capital e trabalho, o ser humano, sua subjetividade e a sua força física continuam sendo fundamentais para que o capital possa se bem desenvolver.

Não existe capitalismo tardio ou desenvolvido sem o sujeito livre e explorado para colocá-lo em movimento, para fazer suas engrenagens se mexerem e operarem as mutações dos objetos e da natureza. Os sujeitos dos tempos modernos operavam em série e em massa, com o cronômetro, na medida exata do tempo, faziam tudo por partes, em fragmentos, mas de seu trabalho era retirada a mais – valia.⁶ O trabalho da era da globalização e da acumulação flexível superou a fragmentação da atividade, uma vez que precisa ser múltiplo e polivalente. Para o trabalhador não lhe basta usar os músculos precisa ceder, também, ao benefício do capital sua potencialidade de pensar, de gerenciar, de organizar e participar ativamente das atividades da empresa. A mais valia continua sendo retirada do trabalhador, conforme já havia nos antecipado Marx, porém, junto com ela, além do suor vai um pouco de sua alma, de seu ser integral físico psíquico e espiritual. A classe protagonista da exploração da mais – valia do trabalhador é a burguesia.

Por burguesia, entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Por proletário, a classe dos assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviverem⁷

A consequência da divisão entre as classes, como um dado de realidade presente na sociedade contemporânea, reproduz-se nas estatísticas que apontam os altos índices de miséria, de analfabetismo, de corrupção, de descaso com as políticas públicas e com o social. De outra forma, a riqueza que tem sido produzida no mundo nos últimos anos de capitalismo é imensa. A tecnologia se desenvolveu de forma espetacular desde a década de 80, no entanto, a concentração de renda se tornou cada vez mais intensa. Qual a diferença que há do tempo que Marx escreveu seus textos para hoje quanto à estrutura da sociedade do capital? Está presente na materialidade da vida social a marca da divisão do acesso aos bens sociais, como característica da organização desta sociedade e do seu modo de produção das riquezas e das misérias. Com esta clássica realidade estrutural que se pode dizer sobre a possibilidade do convívio com as diferenças singulares e a diversidade da condição humana no conjunto das relações sociais mediadas pelo capital?

Diversidade é o conjunto das diferenças e peculiaridades individuais. Algo em cada ser humano que é impossível padronizar, por mais que a sociedade busque

⁶ Quanto a este assunto da mais-valia ver MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro I. Tradução Reginaldo Sant’Anna. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

⁷ LASKI. Harold J. O Manifesto Comunista de Marx e Engels. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.93.

unificar. É peculiar a cada pessoa uma série de diferenciações que fazem parte de suas características, enquanto indivíduo único, a singularidade própria dos seres humanos pressupõe diferenciações. Temos aproximadamente, 7.000.000. 000 (sete bilhões) de seres humanos no mundo, singulares. Não nos repetimos enquanto espécie humana e, portanto, a diversidade é nossa característica universal.

A partir deste conceito de diversidade humana podemos concluir: um mundo verdadeiramente humano deveria ser construído considerando a diversidade como fundamental à vida social. Recorrendo ao *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*, pode se encontrar um conceito de "diferenciação social" no qual a diferença entre grupos ou categorias individuais é um fato social sempre presente. "A diferenciação acontece em função de diversos modos em diferentes sociedades, por vezes codificados por lei, entre grupos etários, sexo, grupos étnicos e lingüísticos, entre grupos profissionais, classes e grupos de status".⁸

Ocorrem várias distinções entre os diferentes grupos. O fundamental nessa abordagem é entender o fato da diferenciação social estar associada à "estratificação social". O que significa dizer que as desigualdades de poder, riqueza e prestígio social, em suas variadas formas, são as características principais do processo de diferenciação. As qualidades pessoais dos indivíduos ocupam lugares determinados dentro da sociedade e seus compartimentos. A partir desse lugar se estruturam diferentes condições de acesso ao mundo social. A "diferenciação social", assim entendida, está na perspectiva inversa do entendimento de que a diversidade da condição humana deve compor o mundo social. Essa diferenciação se dá por uma estrutura já culturalmente formada e não em respeito à dinâmica peculiar em que a vida humana se apresenta. A sociedade cria e reproduz a "diferenciação social" sem absorver o conjunto das diferenças singulares como parte de seu movimento.

O problema que aqui se impõe não é a questão das culturas apresentarem traços diferenciados e da socialização se dar de maneiras distintas. A questão centra-se na hegemonia de um modelo sobre o outro, onde acontece a subjugação daquele que é considerado inferior.

Cada ser social traz consigo as possibilidades criativas, mas precisa espaço para exercitá-las e expressá-las no convívio entre os outros seres de sua espécie. A socialização deveria ser não apenas espaço de introjeção para igualização de comportamentos, mas, sobretudo, espaço para inserção de atos criativos e diversificados de cada pessoa. A condição real da existência humana, ou seja, o modo de ser, a situação

⁸ BOTTOMORE, Tom & OUTHWAITE, William. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1996 p.206-207.

peculiar aos indivíduos é a condição da diversidade. O palco dessa potencialidade é de maneira predominante no mundo moderno; **a cidade**. Daí a inexorável compreensão da urbe para além do espaço geográfico e sim como construção política/social/econômica e cultural e, portanto, possível de transformação.

Os preconceitos criados na sociedade são resultado de todo o processo que cria a norma e a partir dela o que fica fora é desvio e sendo assim, será julgado como inadequado e indesejável. Como ilustração podemos citar a situação das pessoas com deficiência na sociedade, se percebe que há preconceitos, discriminações e muros criados por parte das diversas instâncias sociais. A condição da deficiência é situada em uma categorização carregada de desqualificação e menosvalia na escala social. Na condição da deficiência, por ser mais acentuada a diferença, os impedimentos e as barreiras presentes no social são mais drásticas.

Em todas as formas de ditaduras estava a onipotência de um olhar autocontido, um olhar certo de si e da verdade que impunha. Para esse olhar, o outro não existe, e com seu desaparecimento simbólico, comunidades são destruídas, direitos individuais são postos em questão, saberes sociais tornam-se uma ameaça, e o viver, de fato, torna-se um inferno. Contra essa sombria visão, nossa única alternativa - e nossa única esperança - é a resistência ativa do outro.⁹

Em contraponto a perspectiva do extermínio das diferenças se considera potencial o reconhecimento político das diferenças.¹⁰ Considerando-se a distinção de singularidades, pode-se abrir espaço no campo social para as diferenciações individuais, o que poderia reduzir e/ou evitar o imenso abismo da diferenciação das condições objetivas de vida entre as pessoas. Em outras palavras se no horizonte social tivesse espaço aberto para considerar a diversidade como condição humana não se ergueriam tantos muros para separar os "distintos" dos "comuns".

Tendo-se em vista essas condições a participação social é uma necessidade humana, o mundo que se coloca ao redor das pessoas é um mundo para ser explorado, por onde todos deveriam poder circular e ter acesso a sua constituição e transformação constante. Os processos que consolidam a criação de inúmeras barreiras impeditivas da expressão de seus sujeitos são processos que desumanizam a vida social. Nesse sentido, se pode objetar até que ponto o mundo que criamos histórica e cotidianamente é um

⁹ JOVCHELOVITCH, Sandra. Re (des)coabrindo o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In: Representando a Alteridade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p.82.

¹⁰ Para maiores conhecimentos sobre o conceito de reconhecimento político das diferenças ver: LIPPO, Humberto (Org.). Sociologia da Acessibilidade e Reconhecimento Político das Diferenças.

mundo acessível a toda esta diversidade característica da humanidade? Pode-se afirmar que a democracia formal e representativa burguesa está esgotada como alternativa de participação cidadã. Nesse cenário os movimentos sociais cumprem papel fundamental, tanto no sentido da desalienação individual e coletiva, quanto na transformação geral da sociedade.

A mudança que deverá ocorrer é cultural e estrutural, no que diz respeito ao reconhecimento político das diferenças. E exige uma nova percepção e uma nova prática social que desenvolvam novos processos sociais, nos quais pertencer ao seu próprio grupo humano não seja mais uma questão para o debate e sim uma prática comum à vivência humana.

A medida em que se suprime a exploração do homem pelo homem, suprime-se também a exploração de uma nação pela outra. A utilidade entre as nações desaparecerá a proporção que desaparecer o antagonismo entre as classes no interior destas nações. O que demonstra a história das idéias senão que a produção intelectual se modifica à proporção que se modifica a produção material? As idéias dominantes de uma época são sempre as idéias da classe dominante.¹¹

Os pressupostos do reconhecimento político das diferenças deveriam ser apreendidos desde o início da vida em sociedade. O ensino infantil, básico, fundamental e o chamado ensino superior é um espaço potencial para esta aprendizagem. Infelizmente na sociedade marcada pela diferenciação entre as classes sociais os valores que aprendemos a cultivar são os valores do mercado, onde tudo se coisifica e tem um valor comercial. Aprendemos a nos esforçar para nos enquadrar à normalidade, da produtividade de um padrão social permeado pelo capitalismo. Os valores da sociedade do capital atravessam os costumes e a cultura entre as pessoas e entre as nações, reproduzindo-se a exploração e o afastamento do outro. Somente quando superarmos esta estrutura de forma material e de alienação, poderemos então, apreender novas formas de sociabilidade e de interação com a nossa própria condição humana.

Processo social é o que está sendo produzido, constantemente, na dinâmica das relações sociais. É, portanto, também, resultado destas relações, das interações entre os sujeitos, entre os grupos, entre as nações. Nas relações sociais as pessoas se aproximam ou se afastam se inserem ou ficam de fora das diversas instâncias sociais. As interações entre pessoas, grupos, nações, poderão ser de proximidade e acesso às instâncias do social ou de afastamento, hostilidade, discriminações e segregações.

¹¹ LASKI, Harold J. O Manifesto Comunista de Marx e Engels. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.111.

A participação é processo social que existe independente da interferência provocada pelo outro agente externo. É o próprio processo de criação do homem ao pensar e agir sobre os desafios da natureza e sobre os desafios sociais. A participação não é questão do pobre, do miserável, ou do marginal; é questão a ser refletida e enfrentada por todos os grupos às suas condições básicas de existência. Longe de ser política de reprodução da ordem, é sobre tudo questão social¹².

A finalidade das bandeiras de lutas defendidas nas diferentes áreas dos Direitos Humanos se direciona para preservação da dignidade e da diversidade humana. A direção seguida pelo percorrido neste horizonte de embates só pode se materializar num contexto de coletividade e do processo criativo e organizativo que estão colocados no conceito de Souza sobre a Participação Social. Há processos sociais severos de segregação e aniquilamento das diferenças singulares, só o enfrentamento pelo reverso deste processo poderá desmontar barreiras históricas e fronteiras que separam os seres humanos uns dos outros em função da sua própria condição humana, caracterizada pela diversidade. A emergência e urgência dos movimentos sociais supra citados encontra, nesse cenário, papel fundamental na emancipação social e humana.

A superação do modo de produção e reprodução capitalista está no cerne desse avanço.

Luta de classes e as diferenças singulares

A teoria marxiana esclarece que as relações sociais estão permeadas pela estrutura social, que gera desigualdades gritantes, ou seja, a injustiça social, a exclusão social, o abandono dos sujeitos desta sociedade a sua própria sorte. O individualismo massacrando as individualidades em uma coletividade que desconsidera os sujeitos, em sua maioria, oportunizando apenas a uma restrita minoria qualidade de vida. Todos estes aspectos dizem respeito a uma determinada organização social e não é um fato da natureza, portanto, poderá ser alterado historicamente pela organização e intervenção do conjunto dos sujeitos sociais. Os indicativos sinalizados por Marx, no século XIX, parecem ainda iluminar o caminho que trilhamos.

A mercadoria é de início um objeto externo, uma coisa que satisfaz para seus proprietários uma necessidade humana qualquer. Toda a coisa útil, tal como o ferro, o papel etc., deve ser considerada sob duplo aspecto: a qualidade e a quantidade [...] É a utilidade de uma coisa que lhe dá um valor de uso. Mas essa utilidade não surge no ar. É determinada pelas propriedades físicas das

¹² SOUZA, Maria Luiza. Desenvolvimento de Comunidade e Participação. 4.ed. SP: Cortez, 1993, p.81.

mercadorias e não existe sem isso. A mercadoria em si, tal como o ferro, o trigo, o diamante etc., é, pois um valor de uso, um bem.¹³

Podemos encontrar ainda nas palavras do mesmo pensador alemão:

Esta aparência material que se dá a um fenômeno puramente social, esta ilusão de que as cousas têm uma propriedade natural, mediante a qual se trocam em determinadas proporções, converte, aos olhos dos produtores, o seu próprio movimento social, as suas relações pessoais para troca dos seus produtos, em movimento das próprias cousas, movimento que os arrasta, sem que, pelo menos, o possam dirigir. A produção e suas relações, criação humana, regem o homem em lugar de estarem subordinadas a ele.¹⁴

Demonstrando as próprias contradições na constituição do poder do capital, vai se chegar às estruturas contraditórias do capital, conforme indica Marx e, portanto, também aí não se poderia encontrar em que lugar o sujeito está situado nesta estrutura. Vislumbrar as deformidades que o sistema do capital vai configurando a realidade concreta dos sujeitos é uma forma de denunciá-lo. A realidade estruturada e concreta inclui relações ocultas e invisíveis entre elementos do todo, considerando-se a transitoriedade da história. O que é dado ou oculto não significa uma forma eterna de existência. O que é pode deixar de ser na fase posterior, a história humana difere da história natural, pois a primeira é realizada por sujeitos humanos.

Ainda em Marx observa-se que atrás da realidade reificada da economia capitalista, estão as relações entre os homens e mulheres da sociedade. Esse contexto humano e relacional deve ser desvendado, através de uma investigação, que se proponha conhecer, para poder transformar.

A divisão do trabalho, salários, valor e preço, inflação, lucro, esses elementos estão ligados à complexa constituição da sociedade. Os meninos que estão nas ruas, famílias inteiras que têm como moradia as pontes da cidade, os hospitais públicos sucateados, pessoas com deficiência sem acesso a escola, a cultura, ao trabalho ao lazer, processos discriminatórios com pessoas idosas, homossexuais sendo agredidos e até mesmo assassinados, todos estes aspectos não são fatos isolados. A mídia através dos meios de comunicação, por exemplo, anuncia as desgraças públicas, porém, sem relacioná-las com a sua origem, com a causa das mesmas, com os porquês.

A sociedade capitalista se caracteriza pela divisão da sociedade em duas classes fundamentais: uma proprietária dos meios de produção, cujos integrantes concentram riqueza e

¹³ MARX, Karl. O Capital. 4. ed. Tradução de Ronaldo Alves Schmidt; RJ: Zahar Editores, 1975, p 24.

¹⁴ MARX, Karl. O Capital de Carlos Marx. 2. ed. Tradução de Gabriel Deville; SP: Edições Cultura, 1946, p. 95.

poder e outra, trabalhadora assalariada, cujos integrantes são considerados trabalhadores “livres”, mas são despojados de seu objeto e meio de trabalho, e estruturalmente separado das relações de propriedade e de posse.¹⁵

As relações sociais são mediadas pela lei da concentração da terra, do capital de giro e atualmente da informatização, nas mãos de uma restrita minoria. O radicalismo da proposta metodológica de Marx demonstrou um entendimento profundo e concatenado, sobre a infelicidade pública. O sistema capitalista foi denunciado por ele, em suas particularidades.

Essa análise desemboca evidentemente sobre uma condenação apaixonada do capitalismo como sistema de dilapidação sem escrúpulos da vida humana e de sua alquimia da exploração que não visa senão transformar o suor e o sangue humano em mercadoria.¹⁶

A teoria marxiana acentua o valor do homem que faz a história, a assertiva de Marx de que existe uma “prática revolucionária”, passa pelo entendimento que “toda a vida social é essencialmente prática” e de que as circunstâncias modificam-se, “com a atividade humana ou alteração de si próprio”.¹⁷ A atividade humana sensível, prática, enfatizada por Marx, demonstra o caráter ativo como real e objetivo, o autor demonstra a importância da atividade revolucionária, da prática crítica.

A doutrina materialista sobre a alteração das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são alteradas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado. Ela deve, por isso, separar a sociedade em duas partes - uma das quais é colocada acima da sociedade.¹⁸

A individualidade humana se encontra atravessada por uma diversidade de vetores externos à interioridade, esses permeiam a consciência individual do ser social. Os diversos vetores são construídos historicamente, em contextos culturais específicos a cada época e a cada povo. Não há dicotomia entre indivíduo e sociedade, entre sujeito e objeto, singular e universal. Há uma interdependência entre o sujeito e seu contexto natural e social. Existe uma forte conexão entre as partes e o todo, ou seja, entre o ser que

¹⁵ BRUEL, Ana Lorena de Oliveira. A Escola no Contexto da Sociedade Capitalista Moderna. In Políticas e Legislação da Educação Básica no Brasil. Curitiba: editora Ibpex, 2010, p.5.

¹⁶ LOWY, Michael. Método Dialético e Teoria Política. 2.ed. Tradução de Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 69.

¹⁷ MARX, Karl e ENGELS, F. A Ideologia Alemã. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 9.ed. SP: Editora Hucitec, 1993, p. 12.

¹⁸ MARX, Karl e ENGELS, F. A Ideologia Alemã. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 9.ed. SP: Editora Hucitec, 1993, p. 11-14 e p 125-128).

é uma parte do universo e todo este conjunto que consolida a vida humana, situando-a no universo natural, político, ideológico, cultural, social, econômico e mais uma vez humano. O indivíduo é único e indivisível, se constitui enquanto tal, na trama das múltiplas relações da sociedade.

O sujeito se objetiva em suas atividades criativas e materializa sua subjetividade em atos, no meandro de suas relações sociais. A criação de espaços e recursos para o desenvolvimento da vida humana é uma conquista histórica de indivíduos que constroem a história, portanto, em reconhecimento da diversidade da condição humana, deveria ser universal o acesso de todas as pessoas, neste espaço construído e conquistado. O social se transforma constantemente, em conformidade com a intenção e ação de seus protagonistas, os sujeitos. O social é campo da expressão de cada um e de todos os sujeitos que nele vão organizando sua forma de viver, o modo de vida e os meios de produzi-la no conjunto de sua imensa dinâmica humana e coletiva. Em uma visão marxiana sobre a realidade humana, o indivíduo concreto é uma síntese das inúmeras relações sociais.

Tendo em vista o entendimento da questão social e suas consequências não se pode perder, na leitura da diversidade, o horizonte de toda a estrutura da sociedade. Necessário se faz considerar a cultura, a diversidade, as singularidades, as questões de gênero, da livre expressão sexual, da deficiência e todas as particularidades no conjunto do social. Existe uma especificidade dos sujeitos, quanto à raça, etnia, gênero, questões referentes à deficiência, a homossexualidade e tantas outras formas peculiares dos sujeitos se situarem no social. As políticas públicas nem sempre estão atentas a esta diversidade e tratam de todas as questões de uma forma homogênea.

O espetáculo da diversidade não deve limitar nossa percepção sobre o contexto social e material da vida social e sobre as causas que unificam toda a consequência das opressões e das desigualdades estruturadas da sociedade conforme já nos alertava Thompson¹⁹. É preciso vislumbrar como a parte se localiza no todo, superar o risco da fragmentação, perceber as partes e as diferenças sem deixar de considerar a raiz de toda injustiça social pela qual todos e todas estão subjugados e precisa encontrar alternativas de enfrentamento como coletividade. Não se pode perder de vista na particularidade, a visibilidade de um contexto onde cada situação se localiza de alguma

¹⁹ THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era da comunicação de massa. Rio de Janeiro, Vozes, 1995, p. 426.

forma em conexão com as demais situações e com o todo articulado que cria determinadas estruturas. Estruturas, essas, que mesmo tendo sido criadas na história por sujeitos, por isso mesmo, podem ser transformadas, uma vez identificadas e trabalhadas no sentido de sua superação.

O Estado é um espaço de disputa de poder entre as classes fundamentais e justamente quando a classe trabalhadora se organiza, reivindicando os seus direitos, estabelecem possibilidades de composição de uma contra-hegemonia, que pode levar à construção de novas configurações nas relações de poder.²⁰

Os movimentos sociais se consolidam nas relações sociais desafiando estruturas institucionais, de governo, de culturas instituídas, de modos de vida e das formas reificadas de pensar. Desafiam, também, normas e padrões morais de comportamento, para alcançar transformações substantivas no cotidiano da vida social. Todas as grandes transformações e conquistas da vida contemporânea são resultado e legado histórico dos grandes enfrentamentos realizados pelos diferentes movimentos sociais e pelas coletividades.

Movimentos sociais são formas de enfrentamento das contradições sociais que se expressam em reações coletivas a algo que se apresenta como bloqueio ou afronta aos interesses e necessidades coletivas de determinado grupo social.²¹

Encaminhando-nos para o final das reflexões propostas neste artigo nos valeremos da arte ou de um expoente da mesma para tematizar sobre a questão da diversidade nas relações sociais da sociedade capitalista.

Thompson²² em seu estudo sobre os diferentes sentidos da cultura, acentua, denominando de "concepção simbólica", que a análise da cultura pressupõe a percepção de "camadas de significados". Significados esses que os indivíduos estão produzindo, percebendo e interpretando em ações e expressões diárias. A produção de uma prática social significativa para os indivíduos se traduz na possibilidade dessa produção de sentido se concretizar nas vivências e trocas entre os sujeitos ou na impossibilidade disso acontecer.

A produção do significado é reproduzida no cotidiano, ou seja, se cultua os significantes e a tendência é repeti-los, até que seja possível construir novos significados.

²⁰ BRUEL, Ana Lorena de Oliveira. A Escola no Contexto da Sociedade Capitalista Moderna. In Políticas e Legislação da Educação Básica no Brasil. Curitiba: editora Ibpx, 2010, p.7.

²¹ SOUZA, Maria Luiza. Desenvolvimento de Comunidade e Participação. 4.ed. SP: Cortez, 1993, p. 99.

²² THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era da comunicação de massa. Rio de Janeiro, Vozes, 1995, p. 175 -181.

A produção da cultura está imersa em relações de poder e inseridas em contextos histórico-sociais determinados. Nesses contextos podem estar explícitas ou implícitas relações de poder que são produzidas e reproduzidas no meio social no qual o sentido é criado. Cultura e contexto social estão em uma conexão direta, onde a inter-relação entre ambos é permeada pela estruturada da sociedade.

Na temática da diversidade na perspectiva analítica marxiana, o não acesso ao social por parte de tantos segmentos sociais discriminados vem na esteira da produção simbólica e concreta de uma cultura de normalidade que atinge a materialidade do modo de vida dos grupos desta sociedade estruturada pelo Capital. Um modo de vida que não se enquadra nos padrões de produtividade e normalidade estática desta sociedade receberá a marca da incapacidade. As relações de poder que permeiam a questão da produção da cultura e da materialidade da vida social vão balizar a forma como o ser social se situa na complexidade de seu convívio neste contexto. O lugar que cada qual vai ocupar na totalidade da vida em sociedade é apontado por esta construção. Lugar esse que dá e/ou tira a possibilidade de acesso ao social. Afirmar o reconhecimento político das diferenças, em todas as instâncias sociais, significa uma forma de enfrentamento ao caldo de cultura produzido nas engrenagens da sociedade do Capital. Necessário e urgente se faz entender, que as nossas diferenças singulares precisam ter espaços criativos e ativos na construção de uma sociedade verdadeiramente humana, construída num ritmo próprio a cada ser social sem a moldura da expropriação capitalista.

Considerações finais

Ao afirmar a diversidade transpassada pela luta de classes e pelos movimentos sociais como condição humana se está pontuando que não se trata de considerar que há alguns são diferentes de outros ou que esses outros sejam os "iguais", os "corretos" ou adequados diante daqueles que se diferenciam. O que está sendo demonstrado é que a diversidade se caracteriza pelo conjunto de distinções que se fazem entre todos os seres humanos. A dinamicidade da realidade humana, seu movimento constante e inacabado leva a distinções permanentes entre as pessoas. A distinção vai dando ao mundo movimento e mutação. Como condição peculiar a todas as pessoas, a diversidade, vai transformando os padrões que são colocados pelo tempo histórico de cada civilização.

O grande paradoxo das relações sociais é produzir a padronização, tendo em vista que o ser humano é diverso, não se iguala, que a dinâmica da existência humana não se molda aos padrões estabelecidos. A temática da diversidade não se coloca de forma deslocada do contexto social e histórico que envolve o ser social. Apenas de forma aparente poderia se cogitar que indivíduo e sociedade não estivessem em uma profunda interligação. A significativa imbricação entre sociedade e o sujeito indica uma verdadeira unidade entre ambos. O ser se constrói em sociedade, essa é construída a partir da dinâmica movimentação entre os indivíduos sociais. A contemporaneidade é o tempo presente, que se fez, enquanto consequência da história e dos inúmeros processos que ao longo da mesma foram se consolidando. A consolidação histórica dos processos sociais é o resultado de tudo aquilo que seus sujeitos construíram e reconstruíram em seu permanente movimento.

Necessário se faz compreender as engrenagens do sistema social para encontrar as estratégias importantes e ações que articuladas aos movimentos coletivos possam enfrentar e superar as barreiras postas no social para que a vida se torne possível para todos. Especialmente buscar a necessária superação da imposição das leis do mercado e da acumulação em detrimento do sujeito deste social, que reduz suas possibilidades de participação e expressão singular. Na perspectiva do reconhecimento político das diferenças, a sociedade é pensada sob outra ótica que não a percebe de forma perfeita e adequada ao desenvolvimento humano. Nesse viés se verifica as limitações contextuais no tecido social e as dificuldades que existem para além de cada sujeito, o modelo, o padrão social é o que dificulta o indivíduo de se manifestar plenamente. E, como desde o tempo de Marx já havia sido dito, é preciso transformar nossa realidade bruta para nela podermos viver com dignidade humana uma vida de verdade.

Referências

AMARAL, Lígia Assumpção. **Pensar a Diferença/Deficiência**. Brasília: CORDE, 1994.

BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, William. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BRUEL, Ana Lorena de Oliveira. A Escola no Contexto da Sociedade Capitalista Moderna. In: **POLÍTICAS e Legislação da Educação Básica no Brasil**. Curitiba: IbpeX, 2010.

CASTEL, Robert. **As Transformações da Questão Social**. In: Desigualdade e a Questão Social. 2.ed. São Paulo: EDUC, 2000.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social em tempos de capital fetiche e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2008.

LASKI, Harold J. **O Manifesto Comunista de Marx e Engels**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LIPPO, Humberto (Org.). **Sociologia da acessibilidade e reconhecimento político das diferenças**. Canoas: Ulbra, 2012.

LOWY, Michael. **Método Dialético e Teoria Política**. 2.ed. Tradução de Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl. **O Capital de Carlos Marx**. 2. ed. Tradução de Gabriel Deville. São Paulo: Cultura, 1946.

MARX, Karl. **O Capital**. 4. ed. Tradução de Ronaldo Alves Schmidt; Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. livro I. Tradução Reginaldo Sant'Anna. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MARX, Karl e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

SOUZA, Maria Luiza. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TOMASINI, Maria Elisabete Archer. **Expatriação social e a segregação institucional da diferença: reflexões**. In: UM OLHAR sobre a Diferença. São Paulo: Papyrus, 1998.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Gallauder University Press, 1996.